

**REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**

**ANAIIS**  
DA  
**Assembléia Constituinte**

**ORGANIZADOS PELA REDAÇÃO DE ANAIS  
E DOCUMENTOS PARLAMENTARES**

**VOLUME IX**

AC  
1946  
v. 9



— 32 —

inscritos possam prestar também sua homenagem aos dois grandes vultos da pátria brasileira. *(Muito bem; muito bem.)*

O PRESIDENTE — Srs. Representantes, o Sr. Deputado Barreto Pinto acaba de solicitar prorrogação da hora destinada pela Assembléa para essas justas homenagens. A questão de ordem oferece novo aspecto.

O SR. EUCLIDES FIGUEIREDO — Sr. Presidente, peço a palavra, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra *(Pela ordem)* — Sr. Presidente, pedi a palavra ao nobre Representante.

O SR. EUCLIDES FIGUEIREDO a palavra para uma pequena explicação.

Falei nessa sessão comemorativa, porque fui designado pelo líder do meu Partido. Fi-lo, pois, no cumprimento de um dever partidário, que se aliava perfeitamente ao meu sentimento, dada a significação da homenagem resolvida pela Assembléa para a sessão de hoje. Não me alonguei; procurei, mesmo, ser breve. Descjava, agora, que a Casa me desculpasse o tempo curto em que ocupei a sua preciosa atenção, caso se manifeste contrária à prorrogação pedida.

O SR. CARLOS MARIGHELA — Sr. Presidente, peço a palavra, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre Representante.

O SR. CARLOS MARIGHELA *(pela ordem)* — Sr. Presidente, nossa bancada quer declarar que seu intuito era de fato render homenagem a essas grandes figuras da história pátria. Não pretendendo, porém, de forma alguma perturbar a ordem dos trabalhos e a fim de que os mesmos caminhem normalmente, comunico a V. Ex.<sup>a</sup> que desistimos da palavra. *(Muito bem.)*

O SR. PRESIDENTE — Tenho de consultar a Assembléa sobre a proposta feita pelo Sr. Deputado Barreto Pinto, no sentido de que sejam con-

cedidos 30 minutos de prorrogação da hora destinada às homenagens, uma vez que não recebi pedido de desistência de inscritos.

Os Senhores que concedem a prorrogação, queiram levantar-se. *(Pausa.)*

Foi concedida.

O SR. CARLOS MARIGHELA — Sr. Presidente, peço a palavra, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre Representante.

O SR. CARLOS MARIGHELA *(pela ordem)* — Sr. Presidente, a Bancada Comunista havia inscrito dois oradores para se associarem a essas homenagens. Tendo sido agora concedida a prorrogação do tempo, não mais haverá motivo para que desistamos da palavra.

O SR. PRESIDENTE — Perfeitamente.

Há quatro oradores inscritos e terrei muita satisfação em dividir por eles os 30 minutos que a Assembléa acaba de conceder.

Assim, para que não haja dúvida, cada um dos Srs. Representantes disporá de sete minutos e meio.

Tem a palavra o Senhor Claudino Silva.

O SR. CLAUDINO SILVA — Sr. Presidente, Srs. Representantes, realizando-se, hoje, a homenagem que esta Assembléa presta a Cairas e à Princesa Isabel, em nome da Bancada Comunista aproveito o instante para aqui deixar expresso o nosso ponto de vista.

Sobre a libertação dos escravos, ocorrida em 1888, muitos autores têm falado e sob as mais variadas formas. O mesmo ocorre com relação ao negro em nosso país.

No meu entender, Srs. Constituintes, a Lei Auréa foi a resultante de uma luta na qual teve papel decisivo o próprio negro.

Já naquela época havia a compreensão de que o mundo passava por uma transformação, e o próprio desenvolvimento da Inglaterra, com a conseqüente ampliação de seus mer-

— 33 —

cados, não podia admitir a mão de obra escrava, que constitua verdadeiro entrave à colocação de suas próprias mercadorias. (*Muito bem.*)

Por uma ironia da sorte, hoje se comemora a redenção dos escravos na Assembléa Constituinte. A 13 de maio de 1888, os escravos tiveram abertas as senzalas, mas a esses mesmos escravos não deram terras, com as quais pudessem obter a libertação econômica.

Hoje, temos aqui reunida uma Assembléa Constituinte, após a luta titânica que se travou pela libertação do mundo. Bem poderia ela concorrer, e de maneira decisiva, para completar, no Brasil, a libertação dos escravos. (*Muito bem.*) Agora, não são apenas os negros cativos, mas toda uma população de trabalhadores agrários que vive em situação muito pior que a dos escravos. (*Palmas.*) É que os escravos, Srs. Representantes, ao menos, tinham garantida a senzala para morar e, como remédio, o purgante de azeite de mamona ou carrapateira, como é conhecido no norte, além de uma indumentária tosca e a criação de seus filhos. Em nossos dias, toda essa imensa massa de trabalhadores, mais de dois terços da população do Brasil, vive abandonada nos campos, mourejando de sol a sol e abraços com toda sorte de enfermidades.

Senhores Constituintes, no texto da Carta que estamos elaborando, onde se trata dos direitos dos cidadãos, bem poderíamos incluir os homens de cor. É isso porque, conformê já se accentuou desja tribuna, o negro, no Brasil, vive completamente abandonado, não tendo acesso, na carreira militar, aos postos mais elevados. Não obstante, a Constituição é a primeira a assegurar a todos o regime da igualdade democrática.

O preconceito de cor ainda predomina no Brasil, e, por desgraça nossa, já vem atingindo o próprio negro, o que poderá redundar num complexo de inferioridade.

A Assembléa Nacional Constituinte, numa homenagem verdadeiramente

significativa à data que hoje se comemora, poderia fazer inserir em nossa Carta Magna um preceito democrático, fruto da vontade de todos os partidos aqui representados, sem distinção de ideologia política, segundo o qual, a todos, brancos ou negros, seria assegurada a mais ampla participação na vida nacional. (*Muito bem; muito bem. Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Senhor Carlos Marighela.

O SR. CARLOS MARIGHELA — Sr. Presidente, há no pátio de uma das mais conhecidas casas de ensino da Bahia um distico latino que não me quero furtar ao prazer de citar aqui: "Servitio extinta qua Natio Magna vocatur Hanc studiosa domum est naeta juventa die".

No dia em que, extinta a escravidão, nos constituímos em grande nação, surgiu esta casa para a juventude estudiosa. Parodiando o distico latino direi: no dia em que, extinta a escravidão, nos constituímos em grande nação, surge aqui esta homenagem aos grandes vultos da nossa história.

É evidente que a homenagem teve origem integralista. No entanto, o campo é hoje cada vez mais restrito às atividades nazi-fascistas. Esta homenagem, de origem integralista, repleto, transformou-se numa expressiva homenagem democrática. Pretendo reiterar-me, em particular, ao vulto de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias.

A nossa bancada associa-se às homenagens prestadas a esse grande personagem da nossa história. Não nos esqueçamos, contudo, de que Caxias era um homem da classe dominante; era um servidor do Império dos senhores de escravos. Teve erros, naturalmente, era homem, era humano, e, por isso, não podia ser infalível, teria de cometer erros. Mas, não concordamos é com a campanha que em torno de sua figura procuraram fazer elementos fascistas, que dele se utilizavam para servir a interesses anti-democráticos. Assim vimos durante todo o Estado Novo a personali-